



ESCOLA DE GUERRA NAVAL



NÚCLEO DE AVALIAÇÃO
DA CONJUNTURA

BOLETIM

GEOCORRENTE

08 de outubro de 2020

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 6 • Nº 126

A PESCA ILEGAL CHINESA E A FALTA DE GOVERNANÇA DOS OCEANOS

ESTE E OUTROS 14 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE PAULO CÉSAR BITTENCOURT FERREIRA

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR RESPONSÁVEL

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (EGN)
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)

DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO

PEDRO DA SILVA DE ALBIT DE PENEDO (UFRJ)

PESQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)
BRUNO GONÇALVES (UFRJ)
FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-Rio)
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHESS)
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)
GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)
MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)
VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-Rio)
VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

EUROPA

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)
VICTOR MAGALHÃES LONGO DE CARVALHO MOTTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILLO CUQUEJO (IBMEC)
LUÍS FILIPE DE SOUZA PORTO (UFRJ)
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)
RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
VINICIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ADEL BAKKOUR (UFRJ)
ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)
ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

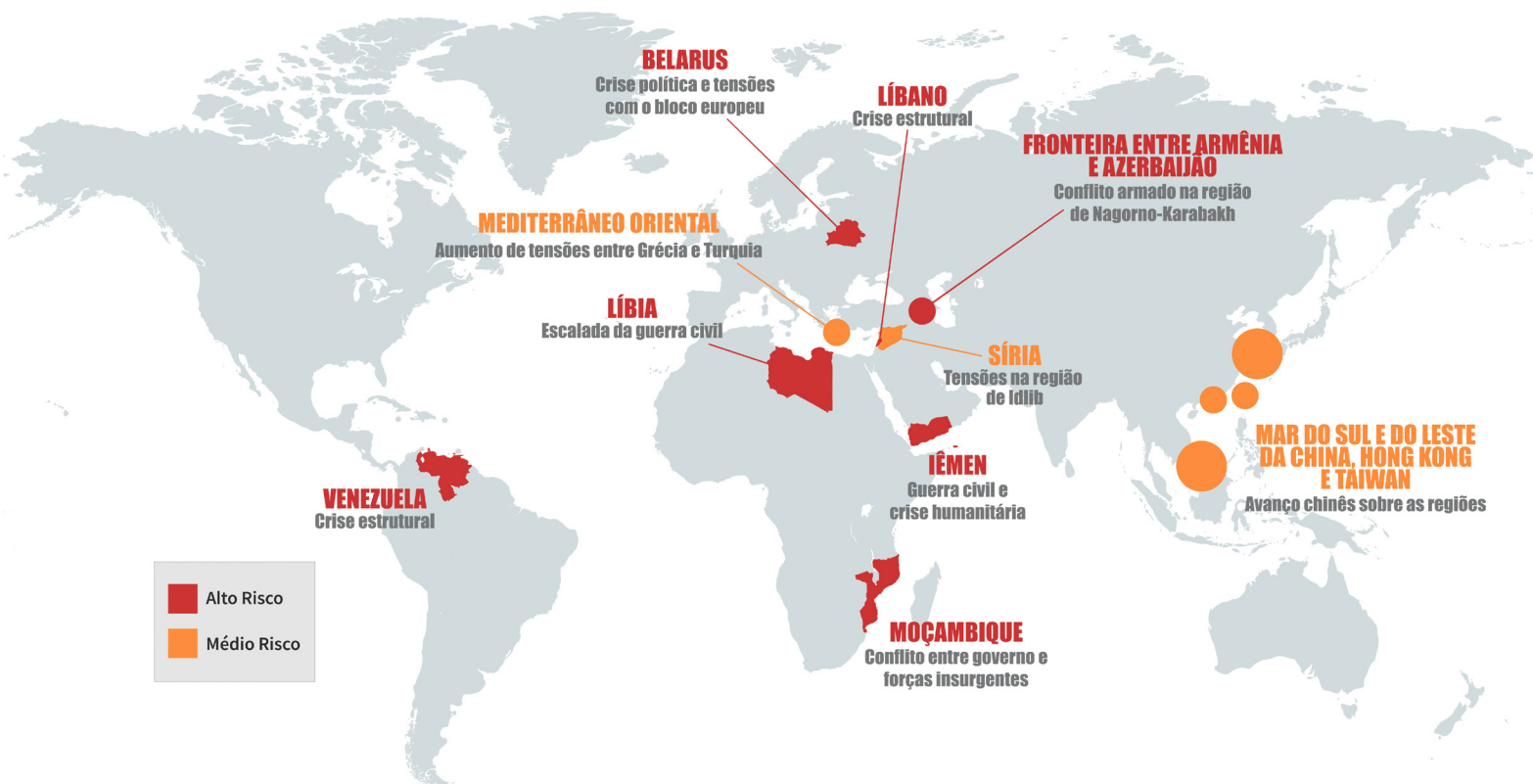
ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

ÍNDICE

<p>AMÉRICA DO SUL</p> <p>Vaca Muerta: uma região de interesse ao Brasil.....5</p> <p>AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL</p> <p>Governo Trump declara emergência nacional para estimular produção de minerais críticos.....6</p> <p>ÁFRICA SUBSAARIANA</p> <p>Togolândia Ocidental e o separatismo em Gana.....6 Dez anos depois, crise política volta a assombrar Costa do Marfim.....7</p> <p>EUROPA</p> <p>Investimentos chineses e a disputa por influência em Portugal8 A Cooperação Nórdica de Defesa.....9</p> <p>ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA</p> <p>Fortalecimento da Marinha da Guarda Revolucionária Iraniana.....9 O crescimento do poder marítimo do Egito.....10</p> <p>RÚSSIA & Ex-URSS</p> <p>Tensões no Cáucaso: a (re)escalada do conflito entre Armênia e Azerbaijão 11 Kavkaz 2020 e a geopolítica das relações sino-russas.....12</p>	<p>LESTE ASIÁTICO</p> <p>Exercício coordenado com os porta-aviões chineses aumenta a pressão sobre Taiwan13</p> <p>SUL DA ÁSIA</p> <p>Desenvolvimento da Marinha indiana ultrapassa externalidades 14</p> <p>SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA</p> <p>Parceria US-Mekong: movimento estadunidense em boa hora? 15 Atrito entre China e Indonésia no Mar do Sul da China 15</p> <p>TEMAS ESPECIAIS</p> <p>A pesca ilegal chinesa e a falta de governança dos oceanos 16</p> <p>Artigos Selecionados & Notícias de Defesa..... 17</p> <p>Calendário Geocorrente..... 17</p> <p>Referências..... 18</p> <p>Mapa de Riscos.....19</p>
--	--

10 PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

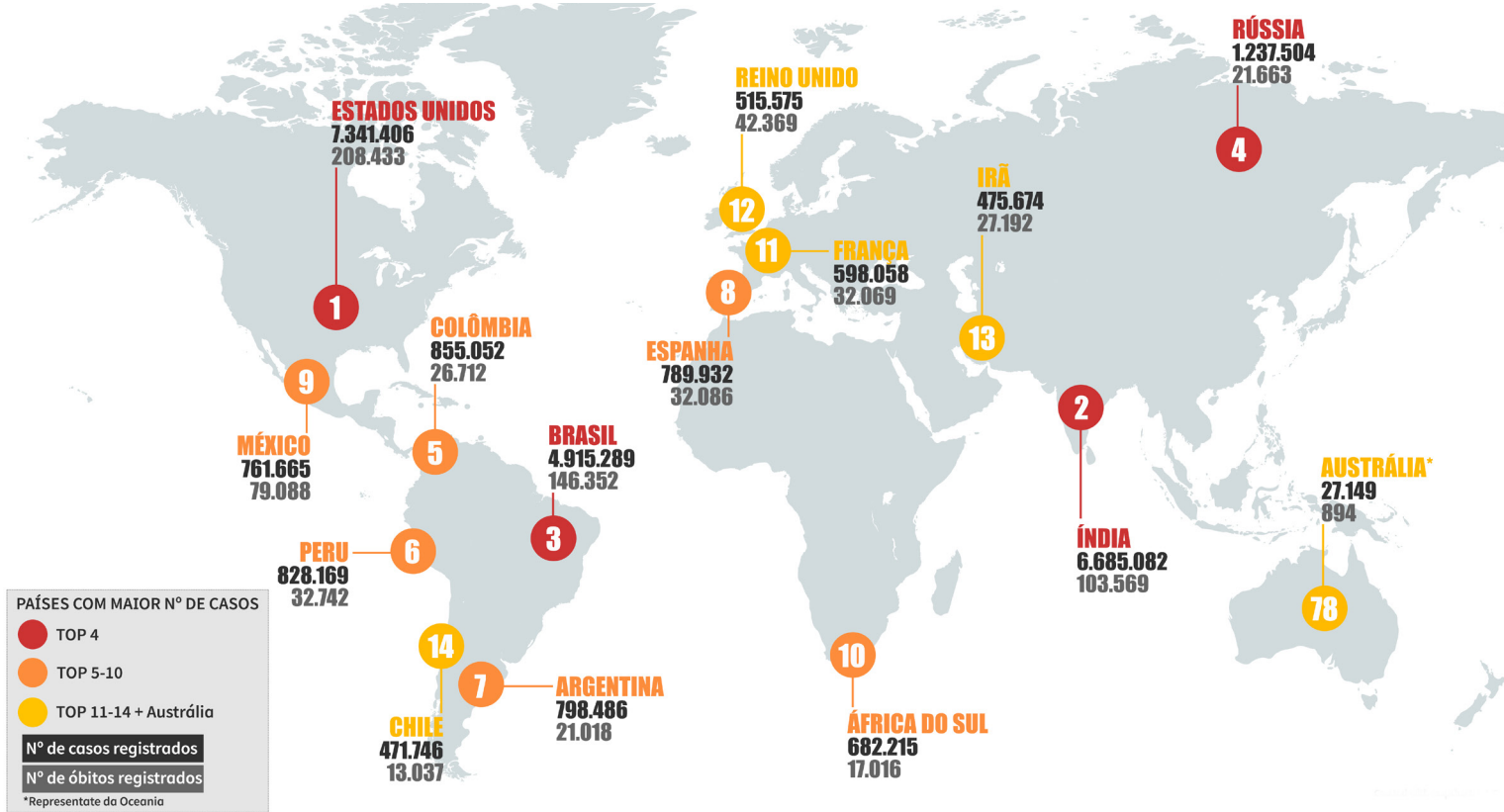


Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19.

ACOMPANHAMENTO COVID-19

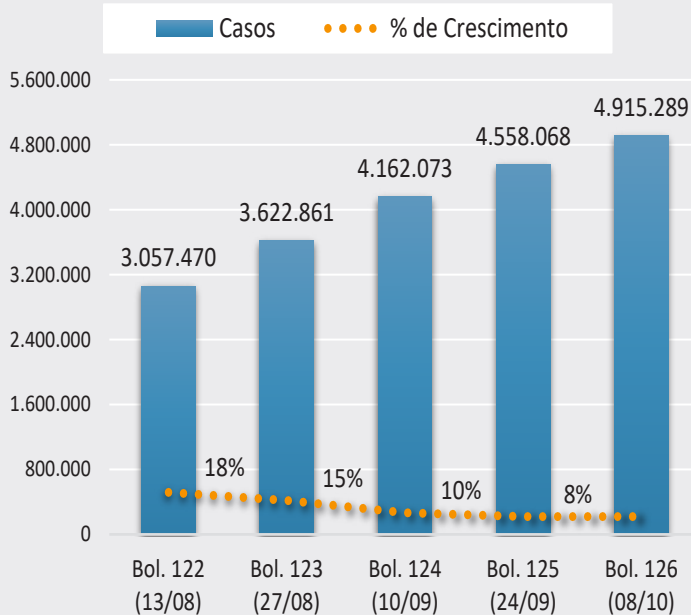
PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "WHO COVID-19 Dashboard", publicado no dia 06 de outubro de 2020.

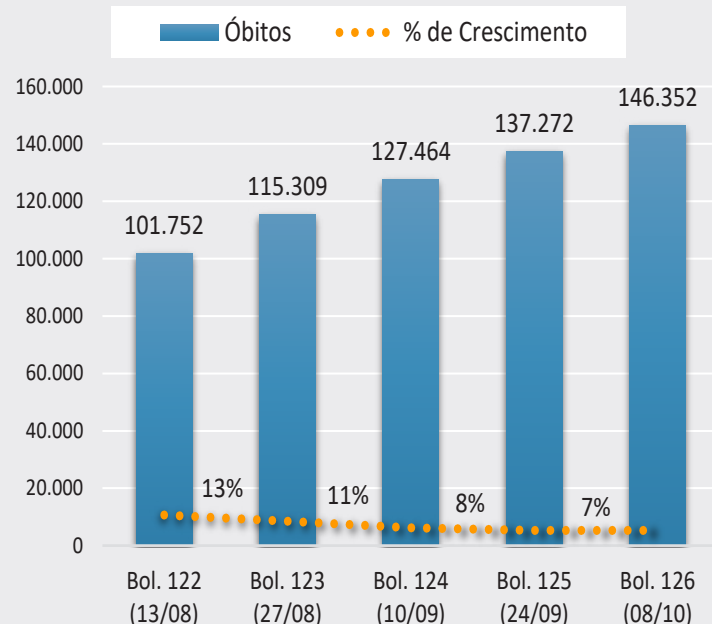


ACOMPANHAMENTO NO BRASIL

Evolução do Número de Casos



Evolução do Número de Óbitos



Fontes: Organização Mundial da Saúde; Banco Mundial

Vaca Muerta: uma região de interesse ao Brasil

Matheus Mendes

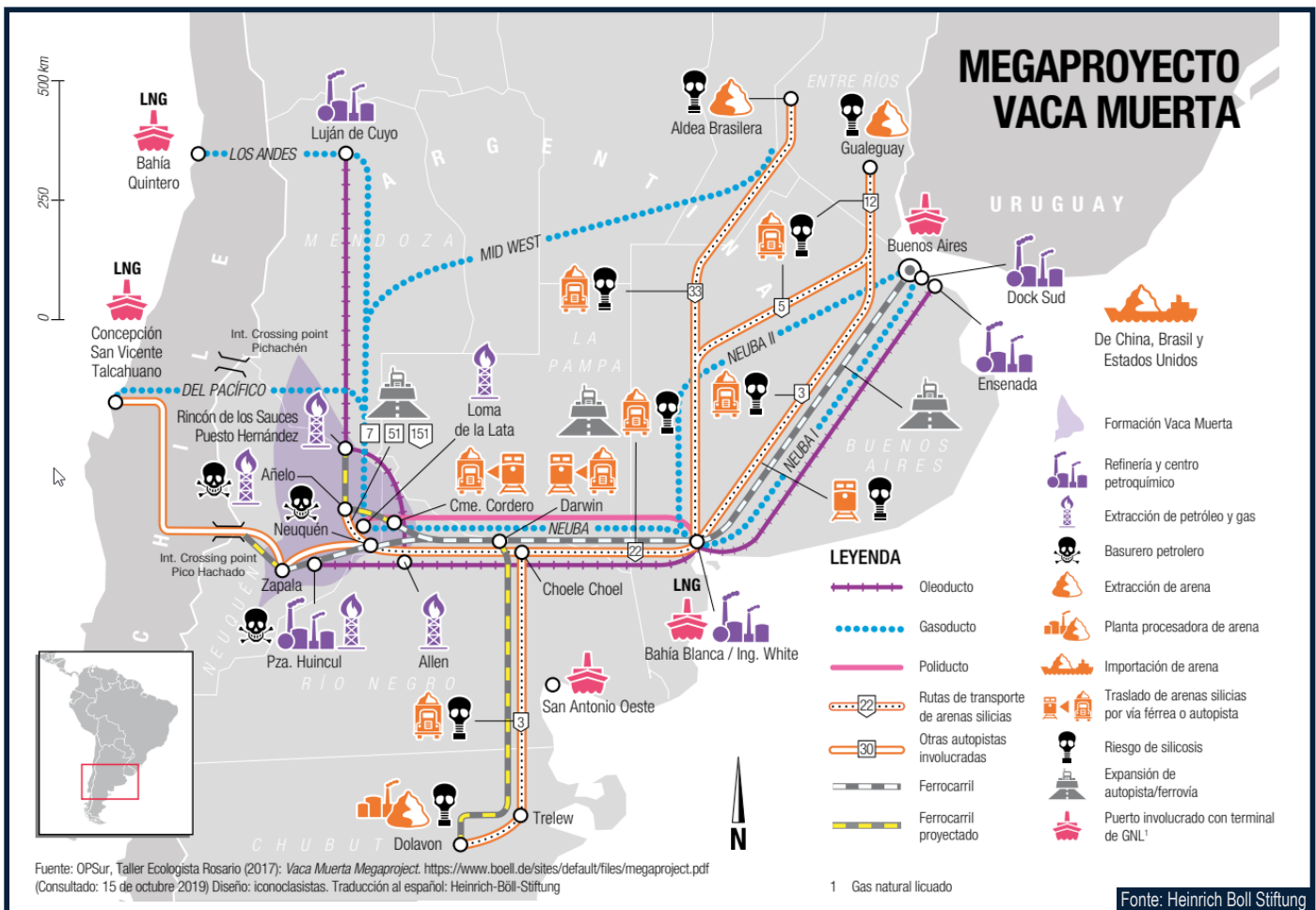
Em setembro de 2020, foi veiculado o interesse de um acordo entre representantes argentinos e brasileiros para a construção de um gasoduto que ligaria a região de Vaca Muerta, na Patagônia argentina, à Porto Alegre, no Brasil. A ideia é exportar gás de xisto (*shale gas*), bastante comum na província de Neuquén, para o Brasil. Este empreendimento teria um custo aproximado de US\$ 5 bilhões a serem repartidos entre os dois governos. No entanto, não se trata de um simples acordo, visto que há atores internos e externos geopoliticamente interessados.

A região de Vaca Muerta (Boletins 09, 62, 72 e 89) possui potencial de produção de xisto, tendo uma das maiores reservas mundiais desse recurso. Para a Argentina, a exploração do xisto pode ser uma solução para as constantes crises econômicas pelas quais atravessa o país. Por outro lado, existem muitas críticas quanto à atividade extrativista, sobretudo pela utilização do procedimento de fraturamento hidráulico, capaz de causar sérios danos ao meio ambiente, principalmente quando não há análise de impactos ambientais, como no caso de atividades sísmicas.

A Argentina não consegue captar mais investidores

para a região. Um dos motivos é por se tratar de um recurso não sustentável, dado que grandes empresas têm optado pela Economia Verde. Apesar de existirem diversas empresas estrangeiras operando na região, a principal é a estatal argentina *Yacimientos Petrolíferos Fiscales* (YPF). A empresa *Power China* anunciou recentemente o avanço nas negociações para investir em uma ferrovia que liga Vaca Muerta à Bahia Blanca, uma cidade portuária argentina. Atualmente, a China se apresenta como o principal parceiro comercial da Argentina – inclusive tomando este posto do Brasil.

A dificuldade financeira seria o principal imbróglio para um empreendimento brasileiro na região. Com o dólar alto e a instabilidade interna, é difícil que este projeto seja levado adiante, ao menos no curto e médio prazo. É importante o Brasil se posicionar em relação ao avanço comercial chinês na Argentina – um fenômeno que já recebeu o nome “Argenchina” –, uma vez que a perda de espaço no cenário regional pode diminuir a influência brasileira no seu entorno estratégico e, conseqüentemente, o enfraquecimento dos Estados sul-americanos perante o capital chinês.



Governo Trump declara emergência nacional para estimular produção de minerais críticos

Victor Gaspar Filho

Em 30 de setembro de 2020, o presidente estadunidense, Donald Trump, declarou emergência nacional através de Ordem Executiva para lidar com a dependência externa do fornecimento de minerais críticos. A emergência, como prevista no *International Emergency Economic Powers Act*, dá poderes ao presidente para lidar com ameaças extraordinárias em prazos delimitados. No caso atual, busca-se contornar a necessidade de importações dos 35 minerais identificados como críticos, a partir da publicação da Ordem Executiva 13817/2017 por serem insumos necessários à indústria bélica, economia, infraestrutura e segurança energética nacionais.

Embora muitas importações de minerais possam ser oriundas de países tradicionalmente parceiros, a dependência da China é acentuada e alarmante no caso americano. Isso se dá pelo país asiático produzir a maior parcela internacional de minerais considerados críticos e por praticar preços baixos nesse mercado. Nos termos do documento, sobre o acompanhamento da dependência podem ser impostas tarifas, cotas ou outras restrições às importações da China, ou demais países cujas práticas econômicas ameacem a saúde, o crescimento e a resiliência dos Estados Unidos.

São minerais destacados na Ordem Executiva as terras-raras, a barita, o gálio e o grafite, todos aplicados a

cadeias de valor essenciais ao funcionamento da economia estadunidense. Frisa-se a essencialidade desses recursos para a produção de equipamentos geradores de energias renováveis, baterias de veículos elétricos, infraestrutura de 5G, no processo de fraturamento hidráulico para extração de óleo e gás de xisto, e, principalmente, na produção de peças e componentes utilizados em material bélico.

O governo também requisita a revisão de termos presentes em regulações ambientais internas dedicadas ao licenciamento de projetos de mineração que priorizam atividades de baixa emissão ou sequestro de carbono, visando acelerar a expedição de licenças e a conclusão de projetos. O documento prevê, também, o desenvolvimento de formas de aproveitamento de rejeitos e estéril de mineração, além da recuperação de minas abandonadas para extrair minerais críticos como subprodutos. Pretende-se não somente aumentar a produção nacional para suprir a demanda interna, como também para exportar estes produtos. A Ordem Executiva afirma que os Estados Unidos podem oferecer aos importadores uma alternativa de minerais produzidos sem violações de Direitos Humanos e com reduzidos impactos socioambientais, em visível crítica às práticas chinesas.

ÁFRICA SUBSAARIANA

Togolândia Ocidental e o separatismo em Gana

Bruno Gonçalves

Em 25 de setembro de 2020, membros do grupo separatista *Western Togoland Restoration Front* (WTRF) declararam a independência do autoproclamado "Estado da Togolândia Ocidental". Integrantes bloquearam as principais vias da região do Volta, na República de Gana, mantiveram policiais como reféns, atacaram delegacias e saquearam armamentos. Desde 2019, os movimentos separatistas na região têm crescido e esses recentes atos são parte de uma operação do WTRF iniciada no começo do mês. Apesar de a situação ter sido controlada, parte do funcionalismo público pede a renúncia do ministro Regional do Volta, Archibald Yao Letsa, por não ter conseguido impedir a insurreição.

Há mais de dez anos, grupos fazem campanhas na região do Volta, Oti, Norte, Nordeste e Alto Leste de Gana, com o objetivo de conquistar sua soberania.

Esta região foi, a partir do Tratado de Versalhes (1919), administrada pelos britânicos e, apenas em 1957, por um plebiscito, a população optou por integrar ao novo país ganês. Há alguns anos, parte da população insatisfeita com o resultado da votação popular e com o governo central se rebelou, promovendo insegurança no local ([Boletim 94](#)).

O país tem mais de 30 milhões de habitantes e seu PIB é de US\$ 67 bilhões, correspondendo, respectivamente, ao 4º e 3º lugar no *ranking* das nações do Golfo da Guiné. Membro da *Commonwealth*, Gana foi o 7º maior produtor de ouro do mundo, em 2019, tendo quase 50% de suas exportações totais feitas por este produto. É um Estado da África Ocidental, localizado no Golfo da Guiné – entorno estratégico brasileiro –, que, ano passado, registrou o maior número de casos de pirataria »

no mundo. Além da insegurança marítima, a conturbada situação continental agrava a instabilidade do país.

Integrantes do grupo alegam que o anseio pela independência dá-se pelo subdesenvolvimento econômico e social. É fato de que fragilidades socioeconômicas germinam sentimento de desunião em um país, no entanto, não se deve negligenciar de que a África Subsaariana é rica em diversidades étnicas

e históricas e que, inevitavelmente, corroboram para o surgimento de coletivos com aspirações de secessão. Portanto, para manter a integridade territorial dos Estados, necessita-se não apenas do desenvolvimento econômico e social propiciando bem-estar e segurança, mas de uma democracia consolidada, que oportunize a liberdade de manifestação de tradições.



Dez anos depois, crise política volta a assombrar Costa do Marfim

Franco Alencastro

Em 06 de agosto de 2020, o presidente da Costa do Marfim, Alassane Ouattara, declarou sua decisão de concorrer a um terceiro mandato, situação que tem sido fonte de grande controvérsia no país localizado no Golfo da Guiné. Em reação à decisão, ondas de protestos irromperam em diferentes regiões do país, resultando, até 11 de setembro, em dez mortos e mais de uma centena de feridos. Em resposta à crise política, Ouattara fez um apelo aos líderes religiosos e políticos da oposição para que a violência seja desencorajada.

O atual momento da Costa do Marfim espelha a crise que o país viveu no ano de 2010, quando a recusa do presidente Laurent Gbagbo em deixar o poder provocou uma guerra civil entre a região norte do país, majoritariamente muçulmana e apoiadora de Ouattara, e o sul, majoritariamente cristã e apoiadora de Gbagbo.

Uma intervenção militar francesa levou à abdicação de Gbagbo e à posse de Ouattara, em 2011 — a França, inclusive, ainda mantém uma força de 950 homens no país. Hoje, é Ouattara quem deseja ampliar seu tempo no poder, decisão cuja validade será decidida nas próximas semanas pela Corte Constitucional da Costa do Marfim.

A possibilidade de um novo conflito na Costa do Marfim não deve ser afastada, uma vez que as tensões de fundo religioso que levaram o país à guerra civil em 2002-2004 e 2010-2011 continuam. A radicalização da oposição pela decisão do presidente de concorrer a um terceiro mandato significa que o resultado também tem mais chances de ser contestado. O país, todavia, é diferente daquele que emergiu do conflito dez anos atrás: Ouattara obteve em seus dois mandatos um saldo econômico positivo, com crescimento do PIB a uma taxa >>>

anual de 7%, além do mais, o governo foi bem-sucedido no combate à COVID-19, com as mortes totais somando apenas 100. De todo modo, a localização da Costa do Marfim no Golfo da Guiné e sua posição como quarta

maior economia da região (atrás da Nigéria, Angola e Gana) tornam a eleição, marcada para 31 de outubro de 2020, um momento importante para a estabilidade regional, assim como do espaço marítimo em questão.

EUROPA

Investimentos chineses e a disputa por influência em Portugal

Nathália do Vale

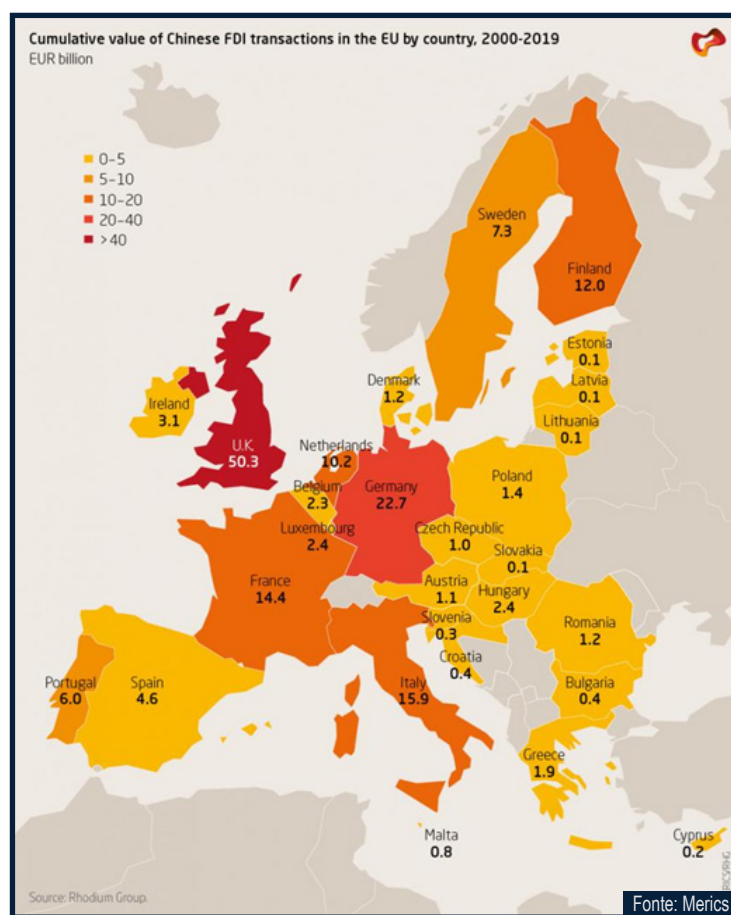
“Se não tivermos parceiros confiáveis na rede de telecomunicações portuguesa, mudará a forma como interagimos com Portugal em termos de Segurança e Defesa”. Assim o atual embaixador estadunidense em Lisboa, George Glass, referiu-se à participação chinesa no 5G português ao jornal *Expresso* em 26 de setembro. Ele salientou que trabalha para orientar investimentos estrangeiros em Portugal, enquanto autoridades nacionais lembraram sua autonomia nessas decisões.

Os investimentos chineses na UE caíram pelo terceiro ano seguido, de US\$ 39,5 bilhões em 2016 para US\$ 12,9 bilhões em 2019, mas estão sendo colocados em setores estratégicos da economia portuguesa. A aquisição de 21% da empresa energética EDP em 2012 pelo grupo CTG foi o primeiro grande investimento chinês no país. Recentemente, a construtora portuguesa *Mota-Engil* vendeu 30% de seu capital à empresa chinesa CCCC. Além de operar em Portugal, a *Mota-Engil* atua em Angola, Moçambique e em um projeto ferroviário mexicano, sendo mencionada pelo diplomata estadunidense como um possível alvo de sanções econômicas.

Além do leilão do 5G, Portugal lançará a concessão de um novo terminal portuário em Sines, importante para a distribuição de GNL na Europa, reduzindo a dependência energética europeia do gás russo. Lisboa deseja que o projeto, estimado em US\$ 708 milhões, integre a Nova Rota da Seda e espera a participação de empresas de todo o mundo. No começo de 2020, o secretário de Energia dos EUA visitou o local, reforçando o interesse americano no projeto. Ao *Expresso*, Glass disse que concedê-lo aos chineses compromete o papel de Portugal como *hub* energético, pois navios estadunidenses podem ter o acesso bloqueado.

Sobre Defesa, Glass afirmou que a maneira como os EUA trabalham com a OTAN e compartilham informações também está ameaçada. Cabe lembrar que o arquipélago

dos Açores é o território europeu mais próximo dos EUA e já abrigou uma base estadunidense, em Lajes, onde funcionará o [Centro do Atlântico](#). O caso português ilustra como a rivalidade global entre EUA e China afeta os projetos e as posições de pequenos e médios países na condução de suas políticas. Somado à sua presidência do Conselho Europeu no próximo semestre e sua posição euro-atlântica, sendo membro fundador da OTAN, Portugal está se tornando um importante ator da disputa geoestratégica sino-estadunidense na Europa.



A Cooperação Nórdica de Defesa

Victor Magalhães Longo

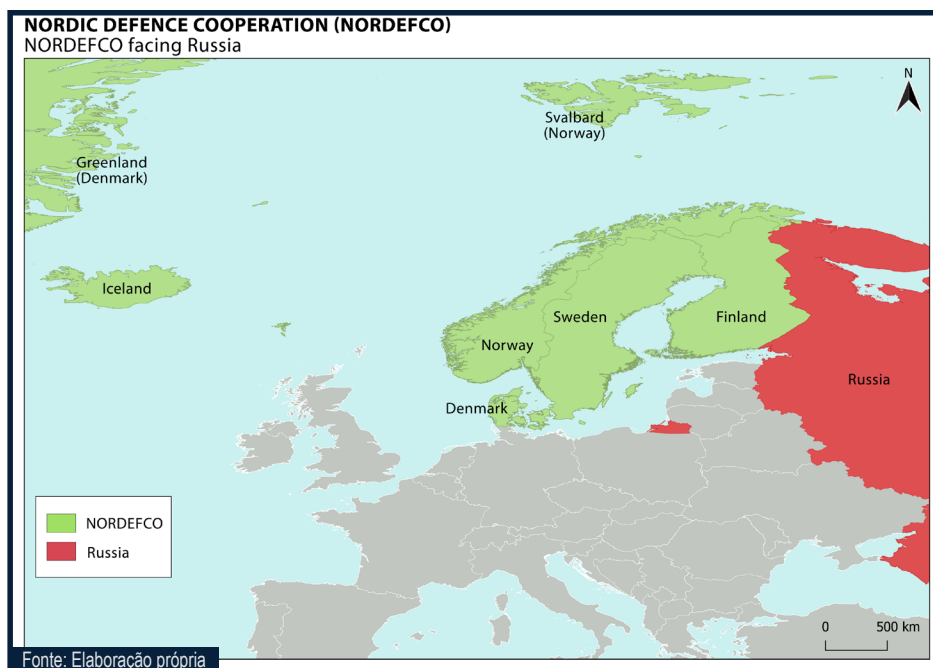
No dia 23 de setembro, os ministros da Defesa da Noruega, Suécia e Finlândia assinaram uma declaração trilateral de cooperação militar dentro de uma cooperação ampla de Defesa. O objetivo é reafirmar a intenção de colaboração mútua e facilitar a realização de operações coordenadas, principalmente em caso de crise ou conflito. Acordos entre os países nórdicos na área da Defesa vêm se tornando cada vez mais frequentes, e revelam uma crescente preocupação com a segurança na região da Escandinávia, do Mar Báltico e do Ártico.

A criação da Cooperação Nórdica de Defesa (NORDEF), em 2009, foi um momento marcante. Essa organização, que também conta com a Dinamarca e Islândia, criou um canal amplo para a discussão de temas de Defesa, fazendo com que a aproximação bilateral e multilateral entre os países nórdicos aumentasse desde então. Essa aproximação tem se mostrado cada vez mais significativa à medida em que a Rússia reclama de volta o seu espaço no tabuleiro internacional, parcialmente perdido após a dissolução da União Soviética em 1991.

Em 2018, os membros da NORDEF atualizaram o acordo a fim de traçar novos objetivos que guiarão a cooperação militar dos participantes até 2025. Essa atualização trouxe linhas de ação bem mais claras,

como a interoperabilidade das Forças Armadas, o compartilhamento de dados e a resiliência conjunta contra ameaças híbridas, que são pontos vistos como vulneráveis e, por isso, merecem destaque. Relativo às ameaças híbridas, o tema se torna cada vez mais importante, já que uma guerra direta entre alianças com armas nucleares parece pouco provável.

Ainda assim, a cooperação no âmbito da NORDEF enfrenta algumas dificuldades, sendo a maior delas a de que seus cinco membros participam de diversas organizações internacionais de Defesa diferentes. A Suécia e a Finlândia, por exemplo, não são membros da OTAN, embora com ela colaborem, enquanto a Dinamarca não participa de nenhum dos mecanismos de defesa conjunta da União Europeia mesmo sendo membro do bloco. Além disso, alguns países nórdicos são reticentes em assinar um tratado de defesa mútua, tanto por decisões nacionais de política externa quanto pela possível retaliação russa que viria como consequência. Cabe então aos nórdicos tornarem seus acordos eficientes, suprimindo suas debilidades defensivas e garantindo que, em caso de um ataque direto ou sabotagem, estarão preparados para responder com celeridade e coordenação.



ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Fortalecimento da Marinha da Guarda Revolucionária Iraniana

Pedro Albit

Em meio a tentativas de isolamento do Irã por meio dos novos acordos de estabelecimento de relações diplomáticas de Israel com os Emirados Árabes Unidos ([Boletim 123](#)) e o Bahrein ([Boletim 125](#)), o Irã tem como

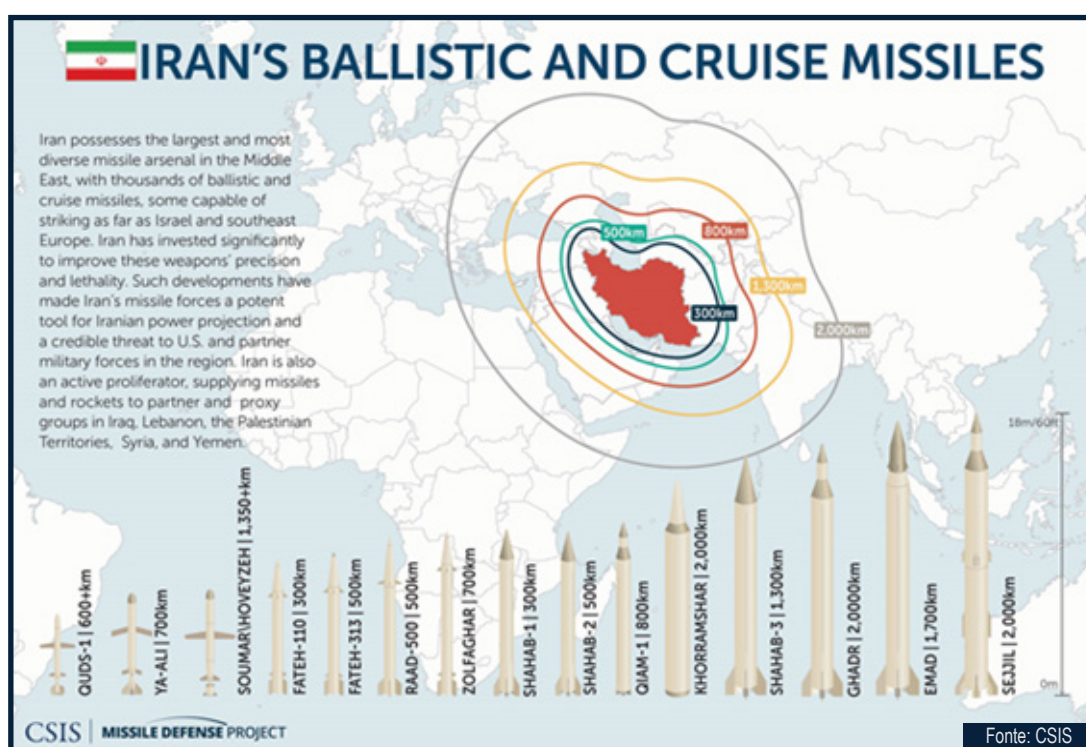
resposta recente o fortalecimento da Marinha da Guarda Revolucionária Iraniana (IRGC, sigla em inglês).

No dia 23 de setembro, começaram a operar 188 drones e helicópteros para apoiar a *IRGC Navy*. Segundo »

seu comandante, o contra-almirante Ali Reza Tangsiri, os drones *Sepehr*, *Shahab-2* e *Hodhod-4* terão uso em missões de reconhecimento e vigilância. A *IRGC Navy* também recebeu um novo drone *Mohajer-6*, com capacidade para carregar até quatro mísseis. Na cerimônia de apresentação dos novos equipamentos, o comandante Tangsiri destacou que todas as missões da *IRGC Navy* são agora realizadas com drones de produção nacional. Tal aspecto reforça também a capacidade da instituição ao afirmar que os drones conseguiram rastrear, na semana anterior, o navio aeródromo *USS Nimitz* antes mesmo deste passar pelo Estreito de Ormuz e chegar ao Golfo. Dias depois, foi revelado o míssil balístico *Zolfaghar Basir*, variante naval do míssil superfície-superfície *Zolfaghar*, que passa a ser o míssil naval iraniano com maior alcance, chegando a 700 km.

Desta forma, as sanções impostas pelos EUA ao Irã

parecem não estar afetando o progresso de suas Forças Armadas. Com altos investimentos no setor militar, o Irã tem procurado melhorar sua capacidade de Defesa como forma de dissuadir, principalmente, as forças estadunidenses na região do Golfo Pérsico. Ao assegurar que os novos drones conseguem rastrear embarcações ainda distantes, defende que o país tem capacidade de proteger sua soberania, repelindo qualquer ameaça antes mesmo que esta chegue às suas fronteiras marítimas. Possuidor de um dos mais avançados arsenais do Oriente Médio, o Irã faz de sua força militar uma forma de projeção de poder não só capaz de consolidá-lo como potência no eixo xiita, mas também como uma tentativa de imposição de limites ao avanço dos EUA na região. Mostra também que as sanções econômicas não conseguirão enfraquecer o país no tabuleiro geopolítico internacional.



O crescimento do poder marítimo do Egito

Adel Bakkur

Em setembro de 2020, o presidente egípcio Abdel-Fattah El-Sisi se encontrou com o diretor-geral da empresa belga *Dredging, Environmental and Marine Engineering* (DEME) para discutir um projeto para completar o porto de Abu Qir. A empresa é atualmente líder mundial em dragagem e recuperação de solos e ficará responsável pelas obras de expansão, desenvolvimento e preparação do porto para o terminal de contêineres. O presidente egípcio elogiou a capacidade da empresa belga e ressaltou a importância desse projeto no plano de construir um Estado moderno.

Vale ressaltar que esta negociação corre em paralelo a um acordo discutido desde 2019 e firmado em agosto de 2020 entre a Marinha egípcia e a empresa chinesa *Hutchison*, especializada em contêineres e desenvolvimento de portos comerciais. Esta ganhou uma concessão de 38 anos para auxiliar na construção do novo terminal de contêineres no porto de Abu Qir, que terá profundidade de 18 metros e será capaz de receber grandes embarcações, com capacidade anual de movimentação de dois milhões de contêineres. Isso inclui a expansão do porto e a construção de rodovias >>>

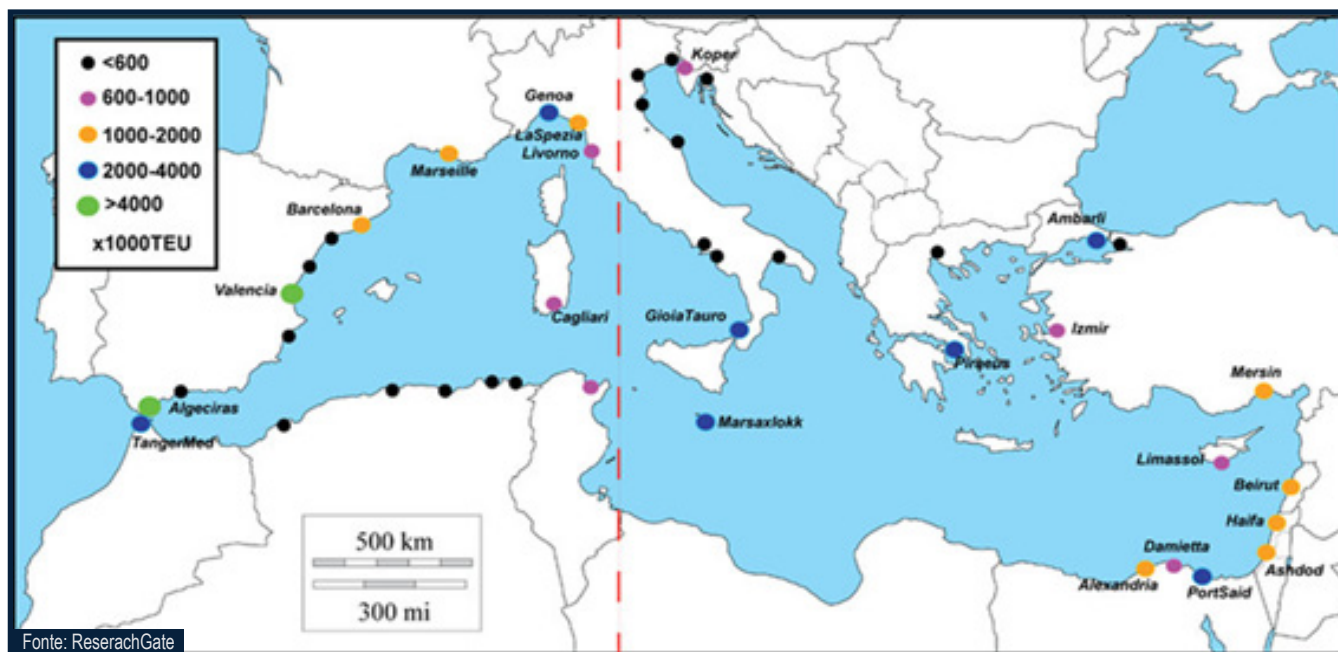
que ligarão o porto à cidade de Alexandria, com um investimento total de US\$ 730 milhões. A primeira fase das obras está prevista para começar em 2022.

Segundo El-Sisi, o projeto deverá ser concluído de acordo com os sistemas tecnológicos mais modernos, a fim de que o porto de Abu Qir se torne um dos maiores do Mediterrâneo. Consequentemente, o nível e a qualidade dos portos do Egito, comparáveis a países de “primeiro mundo”, serão destacados.

A expansão do porto será um investimento econômico egípcio a longo prazo no Mar Mediterrâneo e na região e coincide com seu esforço de modernização naval (Boletins

117 e 121). Além da proximidade do Canal de Suez, ter em seu território esse tipo de atividades e movimentação econômica fortalece a posição marítima e geopolítica do Egito. Isso porque esse acordo e projeto vêm junto com tensões militares e a tentativa de dominação de áreas do Mar Mediterrâneo pelas forças marítimas da Turquia – por questões da guerra civil na Líbia e a delimitação das fronteiras marítimas com a Grécia. Fica cada vez mais explícita a importância do poder marítimo para os países do Mediterrâneo, e o Egito sabe disso e não quer ficar para trás.

QUANTIDADE DE CONTÊINERES/ANO EM MILHÕES DOS PRINCIPAIS PORTOS DO MEDITERRÂNEO



RÚSSIA & Ex-URSS

Tensões no Cáucaso: a (re)escalada do conflito entre Armênia e Azerbaijão

Pérsio Glória de Paula

No dia 27 de setembro de 2020, Armênia e Azerbaijão entraram em confronto pelo território de Nagorno-Karabakh. A região tem sido palco de recorrentes hostilidades entre os dois países desde a dissolução da União Soviética, com a Guerra de Nagorno-Karabakh (1988-1994), que deixou quase 30 mil mortos. Apesar das diversas escaramuças fronteiriças ao longo dos anos 2000, a atual situação pode ser considerada uma escalada das tensões que se reiniciaram em julho 2020 (Boletim 123) e a mais problemática desde 1994.

A região de Nagorno-Karabakh é oficialmente considerada parte do território azeri, entretanto, ela é

habitada majoritariamente por armênios e governada *de facto* por separatistas ligados à Armênia, que, em 2017, declararam independência e renomearam a região como a República de Artsaque. A retomada das hostilidades tem sido marcada também por uma intensa midiaticização, pela qual ambos os governos têm divulgado vídeos e imagens de suas operações militares. Isso acirra ainda mais a disputa de narrativas e o envolvimento popular em um conflito que já possui um problemático histórico de violências étnicas entre as comunidades azeris e armênias.

Apesar de a Rússia possuir laços mais estreitos com a Armênia, país-membro da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), há também interesses geopolíticos e econômicos em manter boas relações com o Azerbaijão. Além disso, um conflito na região pode dificultar as operações russas na Síria e até mesmo ameaçar a estabilidade no Cáucaso russo, que também tem problemas históricos de conflitos e separatismos. Por isso, a Rússia, em conjunto com potências ocidentais, como a França e os Estados Unidos, tem demandado um cessar-fogo imediato, sem abertamente apoiar nenhum dos dois lados ainda.

Todavia, a atuação da Turquia tem gerado

preocupações em Moscou. Ancara não só tem defendido a ofensiva e o direito do Azerbaijão de retomar o território, como também tem fornecido armamentos e oferecido auxílio direto às forças azeris. Algumas das questões geopolíticas para o apoio turco ao Azerbaijão são a importância do petróleo azeri para diversificação de parcerias energéticas e a relevância do país como um comprador de armas turcas. A Rússia tem tentado criar as condições para reiniciar uma mediação internacional do conflito ao mesmo tempo em que tenta conter o envolvimento potencialmente desestabilizador da Turquia.



Kavkaz 2020 e a geopolítica das relações sino-russas

José Gabriel Melo

Entre os dias 21 e 26 de setembro, a Rússia realizou um de seus exercícios anuais mais importantes, o Kavkaz 2020. Esse exercício fecha o ciclo iniciado em 2017 com o Zapad (Vostok 2018 e Tsentr 2019), e tem dois objetivos: tácito, de demonstrar seu poderio militar para o Ocidente; e oficial, de aprimorar a prontidão do Distrito Militar do Sul da Rússia. Ressalta-se que nessa

região encontra-se a Esquadra do Mar Negro e da Flotilha do Mar Cáspio, além de ser um dos pontos de contato do conflito no leste ucraniano. Essa foi a maior edição e contou com 106 navios, e a participação de cerca de 150 mil militares de mais de 15 nações, com destaque para os países da Ásia Central e a China, que enviou cerca de 2 mil militares.



As relações com Pequim são complexas e, para Moscou, é importante lidar com essa aliança de maneira pragmática. Apesar de manterem um alinhamento estratégico em contraponto aos EUA, e de Moscou ser o principal fornecedor de petróleo e gás para a China, há algumas questões polêmicas nas relações sino-russas. A começar pelo contexto histórico, as fronteiras entre os países foram definidas com a assinatura do Tratado de Pequim, em 1860, enquadrado pelos chineses como um dos tratados desiguais referentes ao século de humilhações (1839-1949). Além disso, em 1969, chegaram a travar um conflito fronteiriço motivado pela disputa do modelo de comunismo a ser adotado. Atualmente, há tensões ocasionais ligadas à pesca no Rio Amur, que divide os

dois países. Ademais, na arena internacional, ambos disputam o protagonismo na Ásia Central, região vista por Moscou como parte de seu entorno estratégico e que se tornou um componente importante da iniciativa chinesa *Belt and Road*.

Nesse cenário, o Kavkaz 2020 se mostra uma importante ferramenta para Moscou se posicionar como eixo da Eurásia, trazendo consigo Pequim. No entanto, é importante ter em mente que a relação entre os dois é baseada no compartilhamento de interesses, e se alinha na oposição ao Ocidente e em assuntos econômicos. Contudo, temas geopolíticos e de poder são delicados, como a Ásia Central ou questões fronteiriças.

LESTE ASIÁTICO

Exercício coordenado com os porta-aviões chineses aumenta a pressão sobre Taiwan

Filipe Porto

No dia 01 de setembro, o porta-aviões *Liaoning* saiu de sua base em direção ao Mar Amarelo, logo após notícia de que o *Shandong*, outro porta-aviões chinês, partiu em viagem ao Mar de Bohai. Aparentemente, esta foi a primeira vez que os dois porta-aviões chineses estiveram em exercícios simultâneos. Vale ressaltar que, em agosto, a China realizou quatro exercícios navais no Mar do Sul da China (MSC), isso após movimentos semelhantes da Marinha dos EUA em julho de 2020.

Embora os dois porta-aviões chineses não sejam tão sofisticados quanto os de propulsão nuclear estadunidenses, o *Shandong* apresenta algumas inovações importantes. Os porta-aviões dos EUA podem transportar até 80 aeronaves, enquanto o *Shandong* pode transportar até 36 jatos *J-15*, além de helicópteros e outros aviões de combate. O *Liaoning*, por sua vez, tem capacidade de transporte máximo de 24 jatos. De acordo com o professor Li Jie, os dois porta-aviões podem isolar a ilha de Taiwan de ângulos diferentes e, junto com os mísseis balísticos *DF-21D* e *DF-26* do Exército chinês, podem neutralizar a ilha e se defenderem de uma possível intervenção dos EUA.

Apesar da Marinha chinesa superar a dos EUA em termos quantitativos, como apontado nos boletins [124](#) e [125](#), ainda existem lacunas em termos de poder efetivo de combate. Os chineses planejam ter quatro porta-aviões em serviço até 2035, mas os estadunidenses já possuem 11. Pequim ainda não é capaz de derrotar Washington em um possível conflito direto, mas ao conduzir exercícios deste tipo, a Marinha chinesa demonstra aos EUA que é capaz de demonstração de força equivalente, especialmente, próximo do seu território. Local em que se encontra Taiwan, à apenas 200 km do litoral chinês. Outro fator importante a considerar, é que os EUA possuem apenas um porta-aviões permanentemente na região da Sétima Esquadra, baseada no Japão. Um ataque chinês a Taiwan, empregando seus dois porta-aviões, mais outros navios e submarinos, coordenadamente com sua aviação e mísseis lançados de terra, emprego de tropas aerotransportadas e ações de guerra cibernética, aproveitando um momento de menor presença da Marinha dos Estados Unidos, não pode ser completamente descartado e os EUA sabem disso.

Desenvolvimento da Marinha indiana ultrapassa externalidades

Marina Corrêa

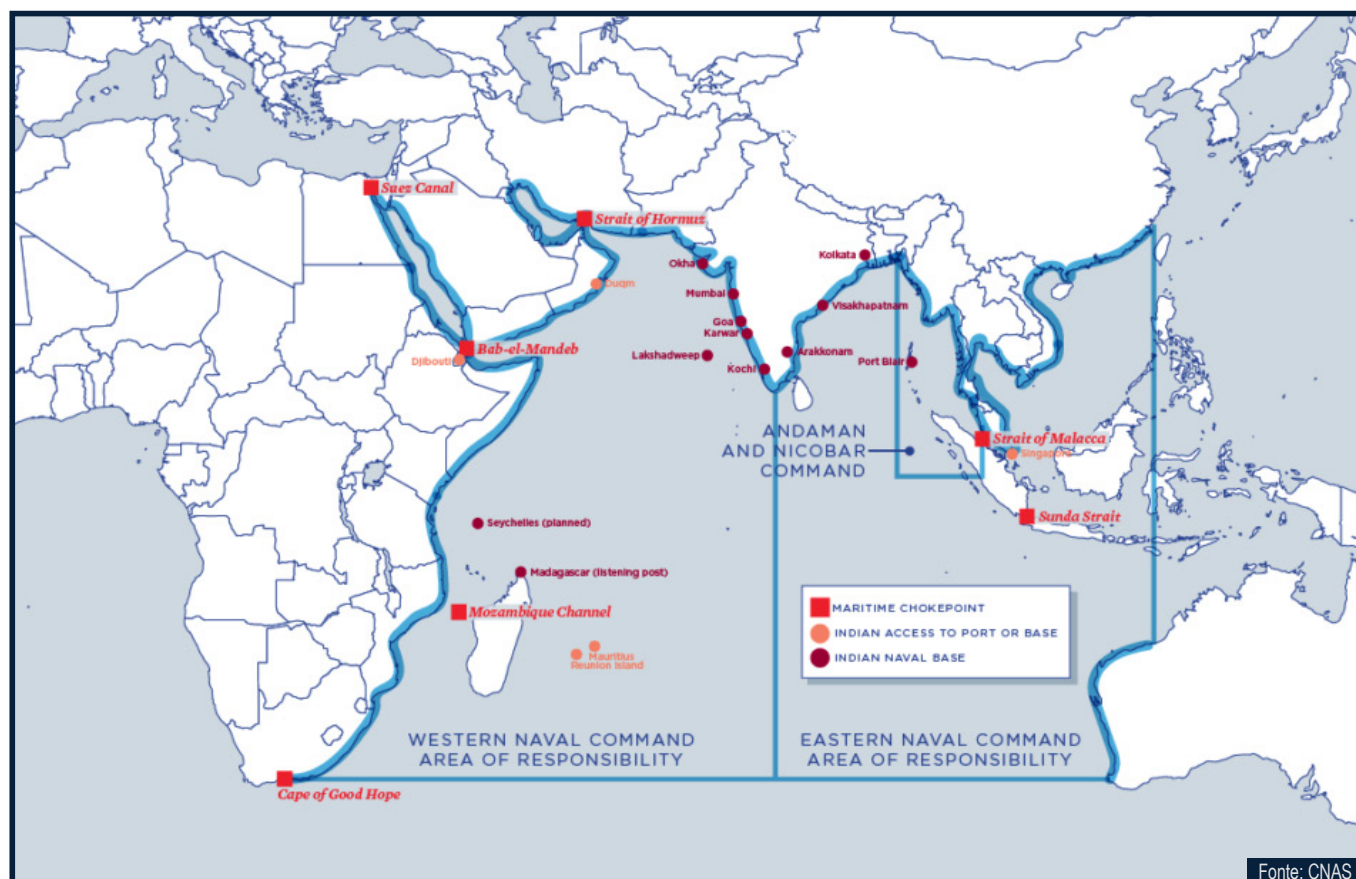
Entre os dias 26 e 28 de setembro, ocorreu, no norte do Mar da Arábia, o JIMEX 2020. O exercício naval bienal, iniciado em 2012, entre a Marinha indiana e a Força de Autodefesa Marítima Japonesa (JMSDF, sigla em inglês), é o primeiro após o acordo que estabeleceu o apoio logístico mútuo (Boletim 125). O JIMEX foi executado com objetivo de aumentar a interoperabilidade e cooperação entre as Forças. Durante o exercício, executaram manobras táticas e operações em diferentes espectros, os quais foram conduzidos apenas no mar e sem contato direto entre os militares, pelas restrições da COVID-19.

Para realizar os exercícios que envolviam lançamento de armas, operações com helicópteros, exercícios de guerra de superfície, antissubmarino e aérea, o contra-almirante indiano, Krishna Swaminathan, liderou o grupo-tarefa (GT) composto pelo contratorpedeiro *INS Chennai*, a fragata *INS Tarkash* e o navio-tanque *Deepak*. E seu homólogo japonês, Konno Yasushige, liderou o GT formado pelo contratorpedeiro porta-helicóptero *Kaga*, da classe *Izumo* e o contratorpedeiro *Ikazuchi*. Além de contar com as aeronaves de patrulha marítima de longo alcance *P-8I*, helicópteros e caças *Mig-29K*.

Vale ressaltar que os dois países costumam participar

do exercício RIMPAC (Boletim 123), fazem parte do *Quadrilateral Security Dialogue*, junto com os EUA e Austrália, e participarão, em breve, do *Malabar Exercise*. Estes exercícios de cooperação demonstram que ambos lados buscam aumentar suas influências na região do Indo-Pacífico e se fortalecerem coletivamente para conter ameaças à sua segurança, mencionando, aqui, principalmente a expansão chinesa e as incursões que esta tem feito na região.

Além dos exercícios supracitados, ocorreram outros exercícios bilaterais: i) o *Indra Navy* com a Marinha russa (Boletim 124) e, ii) um Exercício de Passagem (PASSEX), realizado com a Marinha australiana (23-24 de setembro), considerado o quarto exercício deste tipo, desde o mês de junho. Dada todas essas dinâmicas, fica perceptível que independente das externalidades, Nova Délhi está construindo uma Marinha cada vez mais forte e capacitada para firmar-se no Oceano Índico, como enfatizado pelo Ministério da Defesa, em seu relatório anual 2018-19: “A Marinha indiana é a chave garantidora de soberania marítima e da miríade de atividades (...) por conta disso, é fundamental que esta seja eficaz e esteja sempre se remodelando”.



Parceria US-Mekong: movimento estadunidense em boa hora?

Matheus Bruno Pereira

O Mar do Sul da China não é o único cenário de embate entre EUA e China no Sudeste da Ásia. O lançamento da parceria entre os EUA e os países do “Baixo Mekong” (Camboja, Laos, Myanmar, Tailândia e Vietnã), em setembro, captou novamente a atenção para a dinâmica existente entre os países da região e o rio de mais de 4.350 km de extensão.

A parceria contará com projetos colaborativos com fornecimento compartilhado de dados hidrográficos, gestão de desastres e combate ao crime transfronteiriço. A fim de dar uma base para a pronta execução dos projetos, os EUA garantiram cerca de US\$ 153 milhões. O movimento é uma maneira de continuar a *Lower Mekong Initiative*, a qual teve início em 2009, sendo considerado pelo próprio Departamento de Estado dos EUA como uma das partes da estratégia do país para o Indo-Pacífico e forma de estreitamento de laços com a ASEAN.

Com início na China, o rio Mekong fornece recursos para a agricultura e a pesca nos países que corta. Aproximadamente 60 milhões de pessoas dependem desse corpo d’água, o qual vem enfrentando uma série de secas e diminuição do número de peixes. Acredita-se que um colaborador para esse fato seja as onze barragens construídas pela China na parte do Mekong ainda em seu território. A consequência é o comprometimento do estilo de vida de populações e o risco da segurança alimentar.

Entre as ameaças identificadas pelo Departamento de Estado dos EUA está, além da construção das represas, a dependência baseada em dívidas, em alusão aos diversos empreendimentos chineses em países do Baixo Mekong. É claro que alternativas no primeiro momento são escassas, ainda mais se referindo a investimentos nos países menos ricos da ASEAN como Camboja, Laos e Myanmar.

Ao contrário do Mar do Sul da China, não há planejamento para um “Código de Conduta”, como há tempos a organização regional vem pregando. O desafio envolvendo recursos hídricos e alimentares são de importância não só para essas comunidades do Mekong e seus Estados, mas para a própria prosperidade da organização, se levar em conta, também, os riscos econômicos em jogo. Uma visão mais estratégica e de posicionamento mais assertivo devem ser demonstrados pela ASEAN, mesmo que amparada por outros parceiros.



Atrito entre China e Indonésia no Mar do Sul da China

Iasmin Gabriele Nascimento

Recentemente, um navio da guarda costeira chinesa entrou em águas indonésias, afirmando que aquele território pertence à Pequim. Como resposta, Jacarta mobilizou patrulhas para expulsar os “intrusos” — segundo o governo da Indonésia, apesar de o Direito Internacional permitir “passagem inocente” por Zonas Econômicas Exclusivas, a embarcação chinesa agiu com “segundas intenções”. O Ministério de Relações Exteriores da China alegou que o navio da classe *Zhaojun*

estava realizando tarefas normais de patrulha em águas de jurisdição chinesa.

Os cortes no Orçamento de Defesa tem enfraquecido o poderio militar indonésio no Mar do Sul da China, e há a preocupação de que o país tenha dificuldades em garantir seus direitos sobre o mar. Além das disputas territoriais no MSC, a pirataria preocupa Jacarta — no primeiro semestre de 2020, foram registrados cinquenta e um incidentes relacionados à pirataria na >>

Ásia. De acordo com o relatório semestral do *Regional Cooperation Agreement on Combating Piracy and Armed Robbery against Ships in Asia* (ReCAAP), treze desses incidentes ocorreram em águas indonésias. Especialistas entrevistados pela BBC acreditam que a pandemia pode ter sido um dos fatores para o aumento. As economias asiáticas em desenvolvimento, devastadas pelos efeitos do novo coronavírus, sofrerão retração econômica pela primeira vez em décadas.

A Indonésia, maior economia do Sudeste Asiático, teve retração econômica de cerca de 5% - a primeira desde a crise de 1997. A preocupação é que o país entre em recessão caso os números não melhorem no último trimestre do ano. Mesmo com um cenário desfavorável, Jacarta afirma que sua estrutura econômica suportaria

passar pelo momento de crise. Luhut Pandjaitan, ministro de Assuntos Marítimos e Investimentos, afirma que o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial têm confiança na recuperação econômica indonésia, por conta de seus programas para restabelecer a economia.

A Indonésia pretende reverter os impactos da pandemia com seu pacote de incentivo econômico de cerca de US\$ 48 milhões, que envolve, entre outros auxílios, subsídios para pequenas empresas. Mesmo levando em consideração apenas trabalhadores formais, a estimativa de desempregados é de 10 milhões de pessoas até o fim do ano. Cabe ao governo Jokowi lidar com a situação da melhor maneira possível, tanto com os impasses sobre soberania no Mar do Sul da China, quanto com sua economia.

TEMAS ESPECIAIS

A pesca ilegal chinesa e a falta de governança dos oceanos

Alessandra Brito

Em 22 de setembro de 2020, em um discurso nas Nações Unidas, o presidente Trump criticou a China em diversos aspectos, destacando a pesca chinesa e seu comportamento marítimo. Isso se deve ao fato dos chineses terem explorado excessivamente seus mares adjacentes, fazendo com que sua frota pesqueira tenha que navegar para locais mais distantes nos últimos anos – como África Ocidental, América do Sul e Caribe, onde faltam recursos e embarcações suficientes para policiarem os espaços marítimos. Essa pesca predatória justifica-se pelo país ser o maior exportador de frutos-do-mar do mundo, e sua população representar mais de um terço de todo o consumo de pescado mundial.

A preocupação mais recente se deve ao aumento das tensões no Equador e no Peru, à medida que uma considerável frota pesqueira chinesa, com cerca de 300 navios, se desloca da orla da reserva marinha de Galápagos para as águas do Peru ([Boletim 122](#)). Desde julho de 2020 o governo equatoriano e grupos ambientais internacionais acompanham as embarcações pesqueiras que acessam a Reserva Marinha de Galápagos, um

Patrimônio Mundial da UNESCO e um parque nacional equatoriano. De acordo com relatório da *Oceana*, foram registradas cerca de 73 mil horas de pesca entre julho e agosto de 2020 e a frota foi responsável por 99% das atividades pesqueiras no perímetro da reserva. A Guarda Costeira dos Estados Unidos chegou a enviar uma embarcação, o *USCGC Bertholf*, para colaborar com os esforços de monitoramento na área, coordenadamente com a Marinha equatoriana.

Estimativas do tamanho da frota pesqueira global da China variam, mas alguns cálculos indicam que possui entre 200.000 e 800.000 barcos, respondendo por quase metade da atividade pesqueira do mundo. A pesca ilegal levanta desde questões humanitárias, preocupação com os pescadores, segurança alimentar, até questões ambientais sobre as políticas governamentais que aceleram o esgotamento dos oceanos. Ademais, o alcance e as repercussões das ambições marítimas da China ressaltam mais uma vez que a governança dos oceanos precisa ser mais bem regulamentada de forma a inibir e punir tais violações.

- ▶ [Critical Minerals and the New Geopolitics](#)
PROJECT-SYNDICATE, Sophia Kalantzakos
- ▶ [Targeting the ‘Heart of Eurasia’: China’s Xinjiang and US’ Game Plan](#)
MODERN DIPLOMACY, Irfan Shahzad Takalvi
- ▶ [Contours of the Covid-19 Crisis for African Oil and Gas Exporting Countries](#)
ISPI, John R. Heilbrunn
- ▶ [Russia, China, and the Indo-Pacific: An Interview With Dmitri Trenin](#)
CARNEGIE, Dmitri Trenin, Jongsoo Lee
- ▶ [Phantom Peril in the Arctic](#)
FOREIGN AFFAIRS, Robert David English, Morgan Grant Gardner
- ▶ [Libya, energy, and the Mediterranean’s new ‘Great Game’](#)
REAL INSTITUTO ELCANO, Michael Tanchum
- ▶ [America is a maritime nation, and we need to start acting like it](#)
DEFENSE NEWS, Rep. Rob Wittman
- ▶ [Infographic: How Climate Change Affects the Ocean](#)
THE MARITIME EXECUTIVE, China Dialogue Ocean

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

OUTUBRO

- 12-18** Reunião do FMI
- 15-16** Reunião do Conselho Europeu
- 17** Eleições legislativas na Nova Zelândia
- 18** Eleições presidenciais na Bolívia
- 18** Eleições presidenciais na Guiné
- 21-22** Cúpula Global de Inteligência Artificial
- 25** Plebiscito do Chile para uma nova Constituição
- 31** Eleições presidenciais da Costa do Marfim

NOVEMBRO

- 03** Eleições gerais nos EUA
- 04** Cúpula Anual sobre Vigilância Costeira e Segurança Marítima do Caribe
- 03-05** Cúpula de Segurança da América do Sul
- 15** 1º turno das Eleições locais e regionais no Brasil
- 17** 12ª Cúpula do BRICS
- 21-22** 15º Reunião da Cúpula do G20
- 29** 2º turno das Eleições locais e regionais no Brasil

REFERÊNCIAS

- **Vaca Muerta: uma região de interesse ao Brasil**
MELO, Thailane. [Argentina lança gasoduto bilionário para levar gás até Porto Alegre](#). O Petróleo, 15 set. 2020. Acesso em: 18 set. 2020.
PAPALEO, Cristina. [Vaca Muerta: ¿una burbuja en la crisis Argentina?](#). DW, 30 jan. 2020. Acesso em: 18 set. 2020.
 - **Governo Trump declara emergência nacional para estimular produção de minerais críticos**
GOULD, Joe; MEHTA, Aaron. [Trump executive order targets rare earths minerals and China](#). Defense News, 01 out. 2020. Acesso em: 01 out. 2020.
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. [Executive Order on Addressing the Threat to the Domestic Supply Chain from Reliance on Critical Minerals from Foreign Adversaries](#). Casa Branca, 30 set. 2020. Acesso em: 01 out. 2020.
 - **Togolândia Ocidental e o separatismo em Gana**
BOAKYE, Haleema Afra. [The Western Togoland issue: “Why does it matter how we define conflict and its causes?”](#). Graphic Online, 29 set. 2020. Acesso em: 03 out. 2020.
SUUK, Maxwell Suuk; NEBE, Cai; SAKPA, Delali. [Ghana's Western Togoland region declares sovereignty](#). DW, 25 set. 2020. Acesso em: 03 out. 2020.
 - **Dez anos depois, crise política volta a assombrar Costa do Marfim**
[Ivory Coast's high-stakes 2020 election raises old fears, new likely scenarios](#). France24, 21 ago. 2020. Acesso em: 13 set. 2020.
[Ivory Coast government seeks end to violence ahead of October election](#). Reuters, 11 set. 2020. Acesso em: 13 set. 2020.
 - **Investimentos chineses e a disputa por influência em Portugal**
SILVESTRE, Ricardo. [How can Portugal's Port of Sines play a bigger role in assuring energy security in the European Union?](#). Atlantic Council, 23 jun. 2020. Acesso em: 30 set. 2020.
MONTEIRO, Fábio. [Do 5G ao terminal de Sines. Os negócios da China em Portugal que os EUA querem travar](#). Renascença, 28 set. 2020. Acesso em: 30 set. 2020.
 - **A Cooperação Nórdica de Defesa**
REINO DA SUÉCIA. [Finland, Norway and Sweden enhance their trilateral military operations cooperation](#). Ministério da Defesa, 23 set. 2020. Acesso em 02 out. 2020.
MATTHEW, Thomas. [Maritime Security Issues in the Baltic Sea Region](#). Foreign Police Research Institute, 22 jul. 2020. Acesso em: 02 out. 2020.
 - **Fortalecimento da Marinha da Guarda Revolucionária Iraniana**
BURUNOV Oleg. [Iran: Scores of Domestically-Made Combat Drones Enter Service With IRGC Naval Fleet](#). Sputnik News, 23 set. 2020. Acesso em: 01 out. 2020.
[Iran's IRGC unveils new naval ballistic missile](#). Al Arabiya, 27 set. 2020. Acesso em: 01 out. 2020.
 - **O crescimento do poder marítimo do Egito**
[Egypt's Sisi discusses expanding, developing Abu Qir Port with head of Belgium's DEME Group](#). Ahram Online, 10 set. 2020. Acesso em: 17 set. 2020.
[Hutchison Ports and Egyptian navy in \\$730m box terminal development](#). Loadstar Editorial, 28 ago. 2020. Acesso em: 17 set. 2020.
 - **Tensões no Cáucaso: a (re)escalada do conflito entre Armênia e Azerbaijão**
[Upping the ante? Azerbaijan has not requested assistance in Nagorno-Karabakh fight, but Turkey will help if asked – FM Cavusoglu](#). RT, 02 out. 2020. Acesso em: 03 out. 2020.
GORDON, Philip H.; KUPCHAN, Charles A.; SESTANOVICH, Stepan. [Nagorno-Karabakh Conflict](#). Council of Foreign Relations, 02 out. 2020. Acesso em: 03 out. 2020.
 - **Kavkaz 2020 e a geopolítica das relações sino-russas**
DALY, John C. K. [Russia's Kavkaz 2020: International Participation and Regional Security Implications](#). Jamestown Foundation, 14 set. 2020. Acesso em: 15 set. 2020.
CLARK, Robert. [Kavkaz 2020 and Turkey – A lesson for the West and NATO](#). UK Defence Journal, 18 set. 2020. Acesso em: 18 set. 2020.
 - **Exercício coordenado com os porta-aviões chineses aumenta a pressão sobre Taiwan**
[US navy cannot match hegemonic desire: Global Times editorial](#). Global Times of China, 18 set. 2020. Acesso em: 30 set. 2020.
ZHOU, Laura. [China sends aircraft carriers on unprecedented dual missions in Bohai, Yellow seas](#). South China Morning Post, 07 set. 2020. Acesso em: 30 set. 2020.
 - **Desenvolvimento da Marinha indiana ultrapassa externalidades**
ANI. [JIMEX-2020: Joint naval exercise between India and Japan concludes in North Arabian Sea](#). Times on News, 28 set. 2020. Acesso em: 30 set. 2020.
ÍNDIA. [Passage Exercise \(PASSEX\) Between Royal Australian Navy and Indian Navy in East Indian Ocean Region](#). Indian Navy, 23 set. 2020. Acesso em: 30 set. 2020.
 - **Parceria US-Mekong: movimento estadunidense em boa hora?**
STRANGIO, Sebastian. [How Meaningful is the New US-Mekong Partnership?](#). The Diplomat, 14 set. 2020. Acesso em: 02 out. 2020.
LEE, Chen Che. [Asean needs to act on Mekong River](#). Bangkok Post, 30 set. 2020. Acesso em: 02 out. 2020.
 - **Atrito entre China e Indonésia no Mar do Sul da China**
NUGROHO, Johannes. [As Indonesia faces recession, failure to help informal sector will cost it dearly](#). South China Morning Post, 21 ago. 2020. Acesso em: 03 set. 2020.
SEIDEL, Jamie. [South China Sea: Indonesia on high alert after appearance of Chinese vessel](#). News.com.au, 20 set. 2020. Acesso em: 30 set. 2020.
 - **A pesca ilegal chinesa e a falta de governança dos oceanos**
RUST, Susanne. [Tensions rise in Ecuador and Peru as Chinese fishing fleet moves south from Galapagos](#). Los Angeles Times, 23 set. 2020. Acesso em: 02 out. 2020.
WOODY, Christopher. [A high-seas food fight has already 'gone kinetic,' and US military officials warn it still poses a bigger threat](#). Business Insider, 23 set. 2020. Acesso em: 02 out. 2020.
- CAPA:**
[BARCOS PESQUEIROS CHINESES EM ZHOUSHAN](#).
POR: ALARMY

O mapa intitulado “10 Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões.

► ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Yemen's war shifts focus to Marib, thousands of displaced at risk](#). Reuters, 05 out. 2020. Acesso em: 06 out. 2020.
- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [UN chief Guterres: Libya's future is at stake](#). Al Jazeera, 06 out. 2020. Acesso em: 06 out. 2020.
- LÍBANO — Crise estrutural: [Traumatized Beirutis ready to 'leave for good'](#). DW, 04 out. 2020. Acesso em: 06 out. 2020.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [Maduro lanza un paquete de medidas para “blindarse” contra las sanciones de Washington](#). El País, 30 set. 2020. Acesso em: 05 out. 2020.
- BELARUS — Crise política e tensões com o bloco europeu: [Belarus: Hundreds more arrested in anti-Lukashenko protests](#). BBC, 06 out. 2020. Acesso em: 06 out. 2020.
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Mozambique's Insurgency & Prospects for Regional Insecurity](#). Global Risk Insights, 04 out. 2020. Acesso em: 06 out. 2020.
- FRONTEIRA ENTRE ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito armado na região de Nagorno-Karabakh: [Nagorno-Karabakh conflict: Major cities hit as heavy fighting continues](#). BBC, 05 out. 2020. Acesso em: 06 out. 2020.

► MÉDIO RISCO:

- MEDITERRÂNEO ORIENTAL — Aumento das tensões entre Grécia e Turquia: [Greece and Turkey: A difficult friendship](#). DW, 05 out. 2020. Acesso em: 06 out. 2020.
- MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA, HONG KONG & TAIWAN — Avanço chinês sobre as regiões: [China holds simultaneous military drills in four seas: Report](#). Al Jazeera, 28 set. 2020. Acesso em: 06 out. 2020.
- SÍRIA - Tensões na região de Idlib: [Turkey's new military deployment in Idlib puts spotlight on Syria](#). Arab News, 03 out. 2020. Acesso em: 06 out. 2020.